



# ALVERCA DA TERRA ÀS GENTES

Catálogo da Exposição

# A Intervenção Arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira)

João Pimenta\* e Henrique Mendes\*\*

## 1. Introdução (Razões da Intervenção)

Face ao projecto de recuperação do antigo edifício da Casa da Câmara de Alverca para instalar o renovado núcleo do Museu Municipal, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira decidiu desde o primeiro momento efectuar trabalhos arqueológicos preventivos.

A importância histórica do conjunto edificado e o conhecimento da existência de pelo menos duas grandes fases na sua edificação, conduziram ao delinear de um procedimento prévio que acautelasse o registo de toda a informação existente quer no seu subsolo quer fossilizada no próprio imóvel nos seus paramentos e remodelações.

Os trabalhos arqueológicos pautaram-se por três intervenções distintas quer no tempo quer em metodologias e resultados.

A primeira intervenção decorreu de 6 de Outubro a 22 de Dezembro de 2004, tendo como objectivo numa fase inicial avaliar o potencial

arqueológico da área a intervir (Gambôa, 2004). Os trabalhos de campo foram dirigidos pelo Dr. Nuno Gamboa, da empresa Zephyros S.A..

O espaço a analisar foi dividido em duas grandes áreas, a primeira correspondendo ao edifício da casa da Câmara e a segunda ao edifício anexo designado por pátio com uma ocupação contemporânea como ferraria.

A escavação permitiu verificar e registar diferentes leituras nos dois sectores, resultantes da pendente topográfica da encosta e da ocupação distinta destes dois edifícios ao longo do tempo.

Após a conclusão dos trabalhos arqueológicos e já numa fase em que decorria a execução do projecto de construção civil no edifício, detectou-se um compartimento subterrâneo de características pouco comuns.

Correspondia a um espaço de pequenas dimensões, com cerca de 4,60 m<sup>2</sup>, com tecto em abóbada perfeita, construída com tijolo de burro e argamassa e paredes de alvenaria. Os trabalhos de campo decorreram entre os dias 14 e 16 de Novembro de 2005, tendo sido dirigidos pela Dr.ª Sandra Brazuna da empresa ERA-Arqueologia, S.A. (Brazuna, 2005).

Uma terceira intervenção teve como objectivo a análise e interpretação arqueo-estratigráfica dos paramentos e abóbadas visíveis e não rebocadas do edifício. Esta última pesquisa do espaço do museu de Alverca decorreu entre os dias 26 e 27 de Abril de 2006, igualmente sob a direcção da Dr.ª Sandra Brazuna da empresa ERA-Arqueologia, S.A. (Brazuna, 2006).

\*Mestre em Pré-História e Arqueologia.

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Museu Municipal Vila Franca de Xira.

\*\*Mestrando em Arqueologia Medieval, Universidade Nova de Lisboa.

Museu Municipal Vila Franca de Xira.



**FIGURA 1** Planta do centro histórico de Alverca do Ribatejo, com a localização dos sítios mencionados no texto:

1. Casa da Câmara
2. Acompanhamento na Rua do Castelo
3. Escavação dos alicerces da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
4. Área do Castelo Medieval

## 2. Enquadramento Histórico do Edifício

Poucos são os elementos disponíveis acerca do espaço onde em meados do século XVI se vem a erguer o pelourinho e a Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo. Situado fora do núcleo medieval este “campo” era uma área periférica, possivelmente com uma ocupação já como rossio. O delinear deste novo núcleo numa área aplanada no sopé do morro do castelo e perto da estrada real, surge na sequência da atribuição do novo foral e numa lógica de afirmação do poder municipal. Este novo enquadramento é observado em outras antigas sedes de concelho sendo os exemplos mais perto precisamente, Vila Franca de Xira e Povos.

Este edifício parece ter sofrido graves danos com o cataclismo de 1755, tendo sido reconstruído no ano de 1764. É neste contexto de reconstrução e possivelmente com o objectivo de conferir antiguidade à sede de concelho de Alverca, que foi colocado na sua fachada uma inscrição romana, proveniente da demolida Porta do Ferro da cerca medieval de Lisboa [Diogo, 1987/88].

Esta antiga porta da cidade medieval, então já transformada em arco ficou muito danificada pelo terramoto, tendo sido integralmente demolida entre os anos de 1758 e 1763. É interessante sublinhar que aquando dos trabalhos de destruição desta estrutura, foram identificados pelo menos 34 inscrições, tendo algumas sido dispersas por diversas colecções e as restantes sido empregues na reconstrução da cidade pombalina [Silva, 1944, n.º 46, pág. 148].

**M(arcus). LICINIUS. M(arci)**

**F(ilius). GAL(eria tribu). QUADR**

**ATUS. H(ic). S(itus). E(st)**

### 3. Descrição dos Trabalhos

Apesar de todas as subtracções de informação resultantes da ocupação deste edificado ao longo dos séculos, a intervenção arqueológica desenvolvida nas diversas sondagens efectuadas dentro e fora do edifício, permitiu identificar uma potência estratigráfica variável de cerca dois metros. A sua leitura ainda que com prolongados hiatos, permitiu analisar pela primeira vez a sequência de ocupação humana do antigo aglomerado de Alverca ao longo de cerca de três mil anos. O estudo dos resultados aferidos e a análise dos seus relatórios, registos e espólio exumado permite-nos distinguir cinco grandes fases para a sua ocupação.

#### 3.1. Proto-História

Um dos dados mais inesperados na escavação do interior do edifício da Casa da Câmara foi a detecção de uma importante ocupação proto-histórica, datada dos finais da Idade do Bronze.

Estas evidências foram reveladas pela leitura estratigráfica efectuada na Sala Sul. Aqui o pavimento setecentista em grandes lajes

calcárias permitiu a preservação de níveis precedentes entre os quais se destaca as unidades estratigráficas 4 e 5 da Sondagem A1/ B1/A2/B2 e as Camadas 6 e 7 da Sondagem A3/A4/B3/B4.

Estes níveis de sedimento argiloso apresentavam-se bastante homogéneos sendo particularmente ricos em fauna malacológica [Amêijoa, berbigão e ostra]. Infelizmente a exiguidade da área intervencionada não permitiu registar quaisquer vestígios de estruturas que nos permitam elucidar há cerca do tipo de ocupação aqui ocorrida, possivelmente em inícios do primeiro milénio antes de Cristo.

O espólio recolhido é constituído essencialmente por cerâmica manual. A análise da totalidade da amostragem revela uma predominância de grandes contentores de armazenamento, que deveriam servir para guardar os excedentes agrícolas (Figura 2, n.º 3 a 7 e n.º 8 a 15). Regista-se ainda a presença de taças carenadas e potes de acabamento cuidado com as superfícies polidas e espatuladas devendo pertencer a serviços mais "requintados" (Figura 2, n.º 1 a 2 e Figura 3, n.º 16 a 22).

O conjunto cerâmico apresenta bons paralelos nos sítios da Idade do Bronze Final da área do estuário do Tejo como: Tapada da Ajuda (Cardoso e Silva, 2004); Cabeço do Mouro - Cascais (Cardoso, 2006); Vale de Santa Sofia, Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2007b) e em diversos sítios do vale do Tejo, (Cardoso, 2004; Vilaça e Arruda, 2004 e Félix, 2006).

A par das cerâmicas identificou-se ainda a presença de dois pequenos artefactos em sílex, (uma lamela e um pequeno raspador), dois fragmentos de uma argola em bronze e uma conta em pasta vítrea de tom azul (Figura 3, n.º 23 a 26).

**FIGURA 2** Cerâmicas manuais da Idade do Bronze Final.

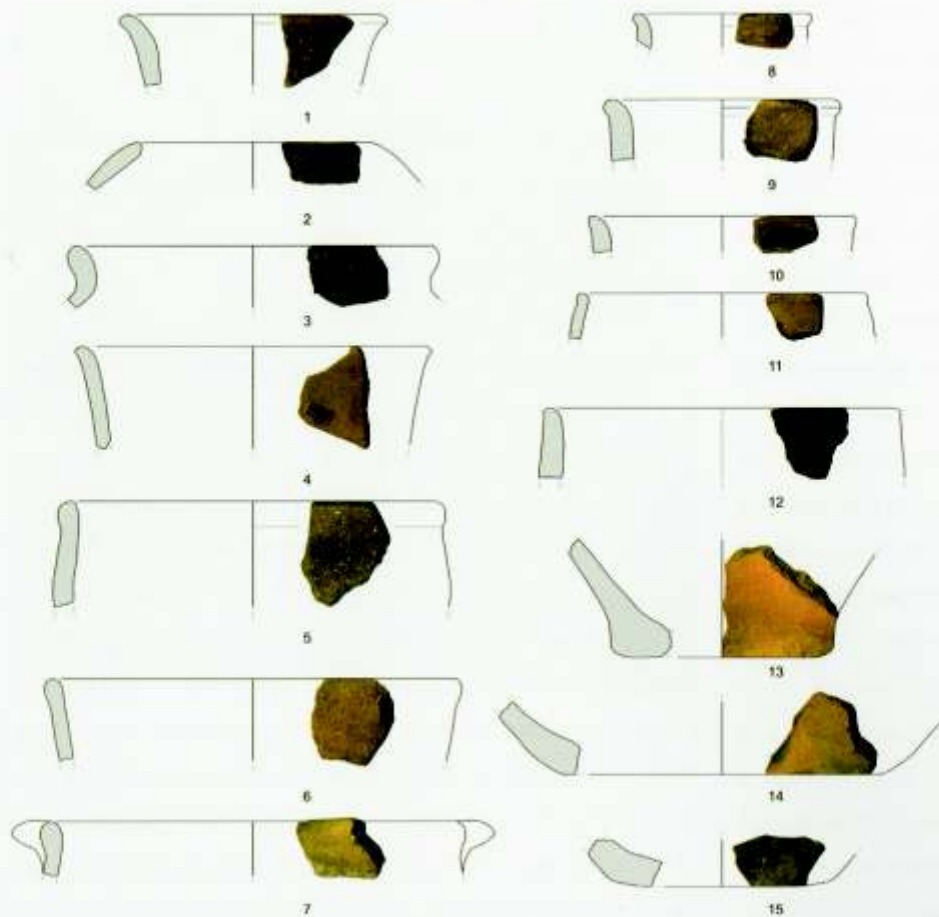
**FIGURA 3** cerâmicas manuais da Idade do Bronze Final:

**N.º 23 e 24** artefactos em sílex

**N.º 25** aro em bronze

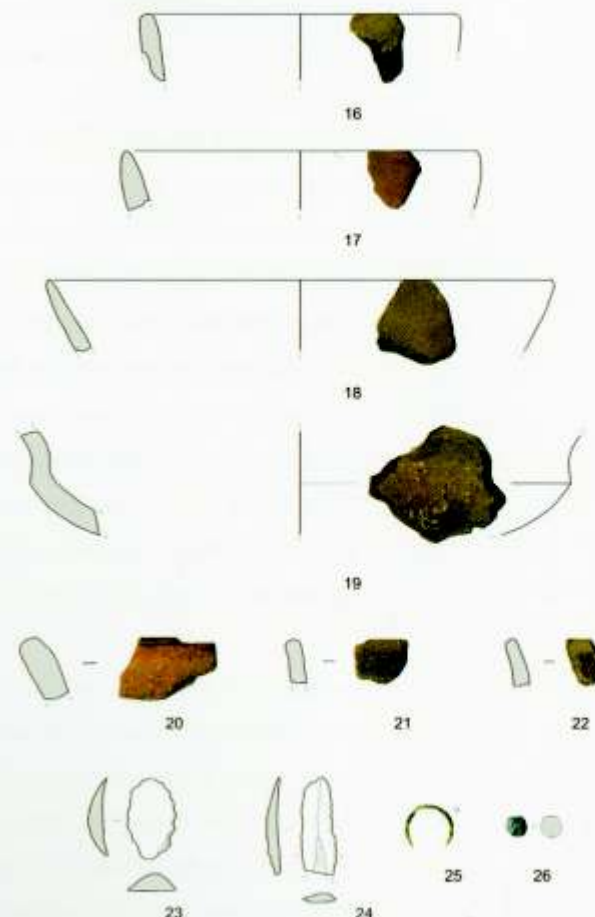
**N.º 26** conta em pasta vítrea

**FIGURA 2**



5 cm

**FIGURA 3**



5 cm

### 3.2. Época Romana

A escavação efectuada pela empresa Zephyros S.A. nas duas áreas do espaço edificado e no largo do pelourinho, revelou uma significativa ocupação de época romana (Gamboa, 2004). Esta materializa-se em diversas unidades estratigráficas com espólio desta época, atestando de uma forma clara, a contínua ocupação do morro de Alverca, desde meados do século II a.C. até ao século V d.C..

Apesar da dimensão do espaço analisado, não foi possível identificar estruturas que ilustrassem de uma forma clara o tipo de ocupação em causa. Apenas na área do pátio, foi possível escavar e registar um pavimento, algo fustre desta época. Este era composto por uma unidade muito compactada de pedras de pequena dimensão argila e argamassa. Apesar desta ausência de estruturas positivas, a presença de tijolos, *tegulae* e *Imbrices* atestam a presença de construções nas suas mediações. A estes elementos temos que adicionar a descoberta de fragmentos de mármore de revestimento e inúmeras tesselas de calcário e basalto correspondente a pavimentos musivos.

O estudo da totalidade do espólio identificado permite-nos diferenciar três grandes momentos para este período:

**1.** A época romana republicana está documentada pela presença em contexto de deposição secundária de diversos elementos cerâmicos. Entre estes destaca-se a presença de alguns fragmentos de ânforas vinárias itálicas, tendo sido possível reconstituir o bocal de uma ânfora que atribuímos ao tipo Greco-itálica (Figura 4, n.º 27). Estes contentores

são particularmente raros entre nós, e encontrando-se normalmente associados aos primeiros movimentos militares do século II a.C. (Pimenta, 2005). Individualizou-se igualmente um fragmento de uma pátera em cerâmica dita Campaniense B, produzida na Península Itálica em meados do século II inícios do I a.C. do Tipo 2265 de Morel (1994) (Figura 4, n.º 28). Possivelmente a esta época podemos igualmente associar um fragmento de asa de ânfora de rolo de tipologia pré-romana, assim como um bordo e um fundo de contentor de armazenamento (Figura 4, n.º 29 a 31).

**2.** O período Alto Imperial é o que se encontra melhor identificado correspondendo face aos dados de que dispomos para outras zonas do núcleo antigo à fase de apogeu do povoado do morro do Castelo. A esta fase deverão corresponder os diversos elementos de mármore de revestimento assim como um fragmento de uma possível epigrafe funerária (Figura 4, n.º 38 e Figura 6, n.º 58 e 59).

Este elemento identificado num contexto de época tardia apresenta-se bastante fracturado conservando apenas o numeral [...] XIII. Poderá corresponder a uma tábula funerária, restando apenas a menção à idade do defunto? Se sim não deixa de ser interessante a sua proximidade com o antigo traçado da Via romana *Olisipo-Scallabis*, como se sabe, as necrópoles romanas organizavam-se precisamente ao longo das vias fora já das localidades. Será este o caso de Alverca?

A importação de ânforas vinárias da forma Haltern 70 e ânforas piscícolas da forma Dressel 7/11 da vizinha província da *Baetica* (Figura 4, n.º 32 a 34 e Figura 5, n.º 40, 42 e 43) (Garcia Vargas, 2000), marcam as relações comerciais em inícios do século I d.C. comprovando-se tal

como nos grandes portos do Tejo e Sado um abastecimento preferencial de produtos Béticos.

A presença de cerâmica fina do tipo *Terra Sigillata Itálica* completa este quadro. Estas cerâmicas finas estão atestadas por diversos fragmentos de pratos e taças, entre os quais se destaca uma marca de difícil classificação sobre o fundo de uma taça troncocónica [LAT] (Figura 4, n.º 35). Este exemplar Itálico apresenta o melhor paralelo no *Corpus Vasorum* (OCK, 2000, pág. 525, n.º 43), infelizmente sem uma leitura ou cronologia precisa.

Os serviços de cerâmica de mesa do tipo *Terra Sigillata* provenientes do sul da Gália, estão igualmente bem representados a partir de meados do século I d.C., destacando-se um fragmento de fundo de prato da forma Dragendorff 15/17 (Figura 4, n.º 36), possivelmente de produção de Graufesaque, com uma cronologia aproximadamente entre 1 e 120 d.C. e um fragmento de bojo com decoração de uma Dragendorff 37 (60-100 d.C.) (Passelac e Vernhet, 1993) (Figura 4, n.º 37).

O despontar da indústria de preparados piscícolas do vale do Tejo em meados do século I d.C. não deixará de ter tido um papel importante na região de Alverca. As condições naturais do seu porto, a riqueza piscícola do Rio Tejo nesta área estuarina e não esquecendo a sua abundância em Sal, bem atestada pelo menos em época medieval para a zona da Póvoa de D. Martinho (actual Póvoa de Santa Iria) poderá ter conduzido à existência de indústrias de salga de peixe.

Se por agora ainda não existem evidências de estruturas correlacionadas com esta actividade, o estudo do conjunto de ânforas

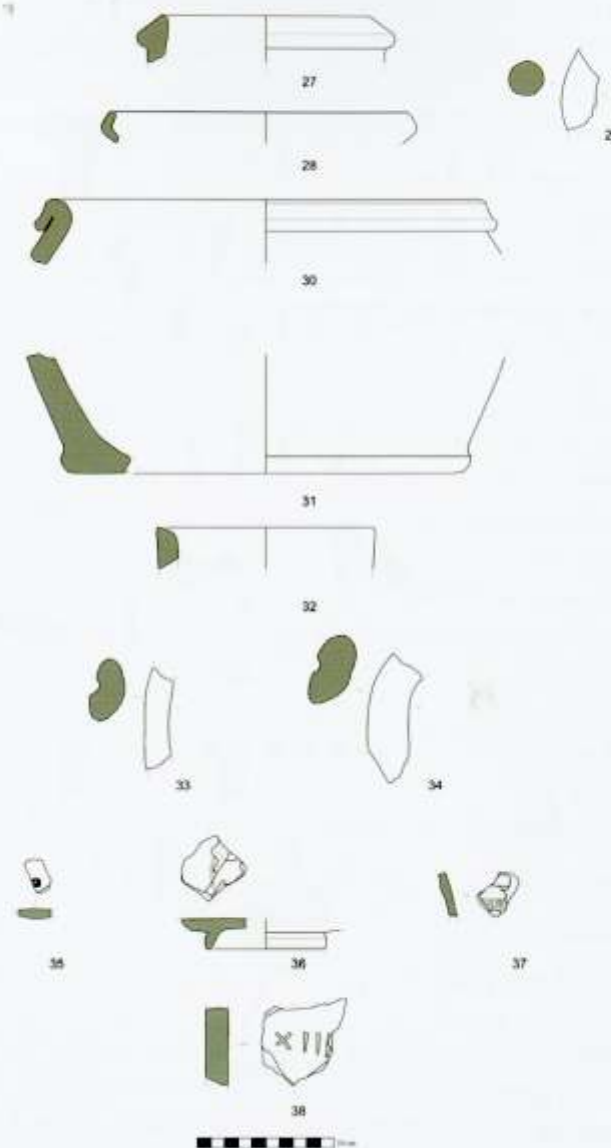
do Museu de Alverca atesta a presença a partir de meados do século I d.C. dos primeiros contentores de produção local destinados à sua comercialização. A forma mais típica e representativa desta primeira fase, inserida por Henrich Dressel na sua tabela como o número 14 (Fabião, 2004), encontra-se atestada por diversos exemplares neste conjunto e está igualmente bem patente na escavação que os dois signatários efectuaram na área do Castelo (Pimenta e Mendes, 2006b) (Figura 5, n.º 41 e 44 a 47).

A continuação da ocupação do espaço está bem patente no conjunto das cerâmicas finas de importação. Apesar de muito fragmentadas continuam a chegar os principais serviços de loiças finas seguindo as principais tendências já atestadas para os grandes portos do Tejo a juzante e montante (Viegas, 2003 e Silva, 2005). As cerâmicas *Terra Sigillata* de produção Hispânica estão atestadas por diversos fragmentos (Mayet, 1984), infelizmente sem nenhum deles nos proporcionar uma reconstituição formal, o mesmo podemos dizer das primeiras importações de *Terra Sigillata Clara* de produção Norte Africana. Apenas para meados do século III d.C. possuímos informação mais qualitativa, face à presença de uma taça de *Terra Sigillata Clara C* possivelmente da forma 17 B de Hayes (200-250 d.C.) (Hayes, 1972 e 1980) (Figura 5, n.º 48).

3. A última fase corresponde já ao Baixo-Império, apesar da ideia geral de decadência atribuída a este período, as recentes investigações em especial na cidade de Olisipo, permitem inverter esta visão. A actividade económica, ligada ao aproveitamento das riquezas piscícolas da fachada atlântica manteve-se apesar de reestruturada até meados do século V d.C.. Tendo o porto de Lisboa mantido fortes ligações com o

mediterrâneo até mesmo após o colapso da estrutura do Império, bem patentes no seu dinamismo económico e na qualidade e diversidade das suas importações.

No núcleo arqueológico de Alverca atestou-se na zona do pátio uma significativa ocupação desta época. A mesma encontra-se bem documentada pela presença de *Terra Sigillata clara D*, de que destacamos um fragmento de bordo da forma 67 de Hayes (1972), datada entre 360-470 d.C. [Figura 7, n.º 62], e diversos bocais de ânforas Lusitanas da forma Almagro 51c e um fragmento afim às Almagro 50 [Fabião, 2004] [Figura 7, n.º 63 a 72], assim como um bocal de Almagro 50/Keay XVI de produção Bética [Figura 5, n.º 39].



**FIGURA 4** Espólio de época romana:

**N.º 27** bordo de ânfora Greco-italica

**N.º 28** bordo de cerâmica Campaniense B

**N.º 29** asa de ânfora de tipologia pré-romana

**N.º 30 e 31** contentor de armazenamento

**N.º 32 a 34** ânforas Haltern 70

**N.º 35** fragmento de fundo de taça com marca de Terra Sigillata Itálica

**N.º 36** fragmento de fundo de Terra Sigillata Sud-Gálica

**N.º 37** fragmento de bojo de Terra Sigillata Sud-Gálica decorada

**N.º 38** fragmento de inscrição funerária



**FIGURA 5** Espólio de época romana:

N.º 39 ânfora Almagro 50/Keay XVI de produção Bética

N.º 40, 42 e 43 ânfora Dressel 7/11

N.º 41, 44 e 45 a 47 ânforas Dressel 14 Lusitanas

N.º 48 taça de Terra Sigillata Clara C possivelmente da forma 17 B de Hayes



**FIGURA 5**

**FIGURA 6** Espólio de época romana:

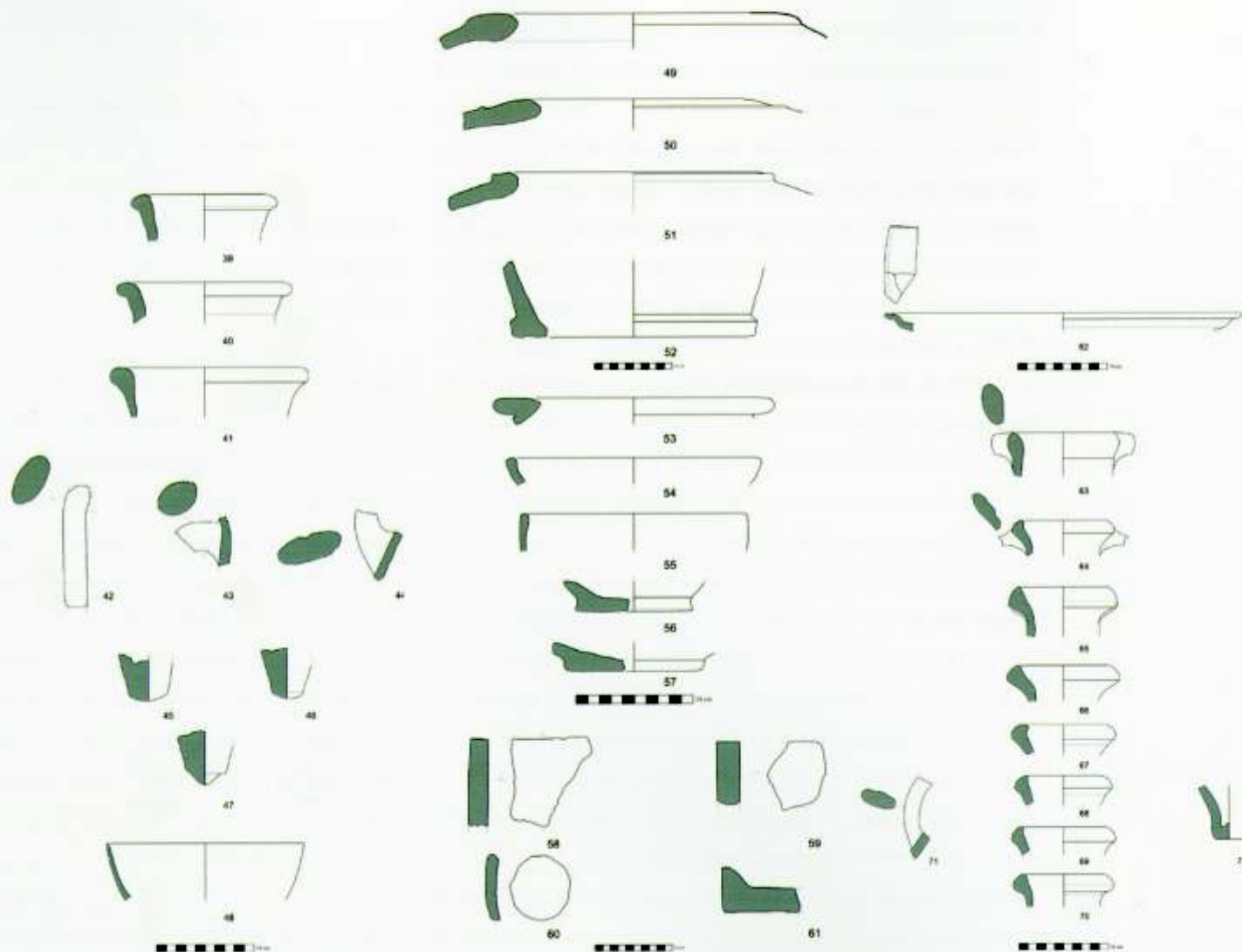
N.º 49 a 52 grandes contentores de armazenamento do tipo Dolium de produção do vale do Tejo

N.º 53 a 57 cerâmica comum de utilização no quotidiano de produção local

N.º 58 e 59 fragmentos de mármore rosa de revestimento

N.º 60 peça de jogo feita a partir de uma Imbrice

N.º 61 tégula



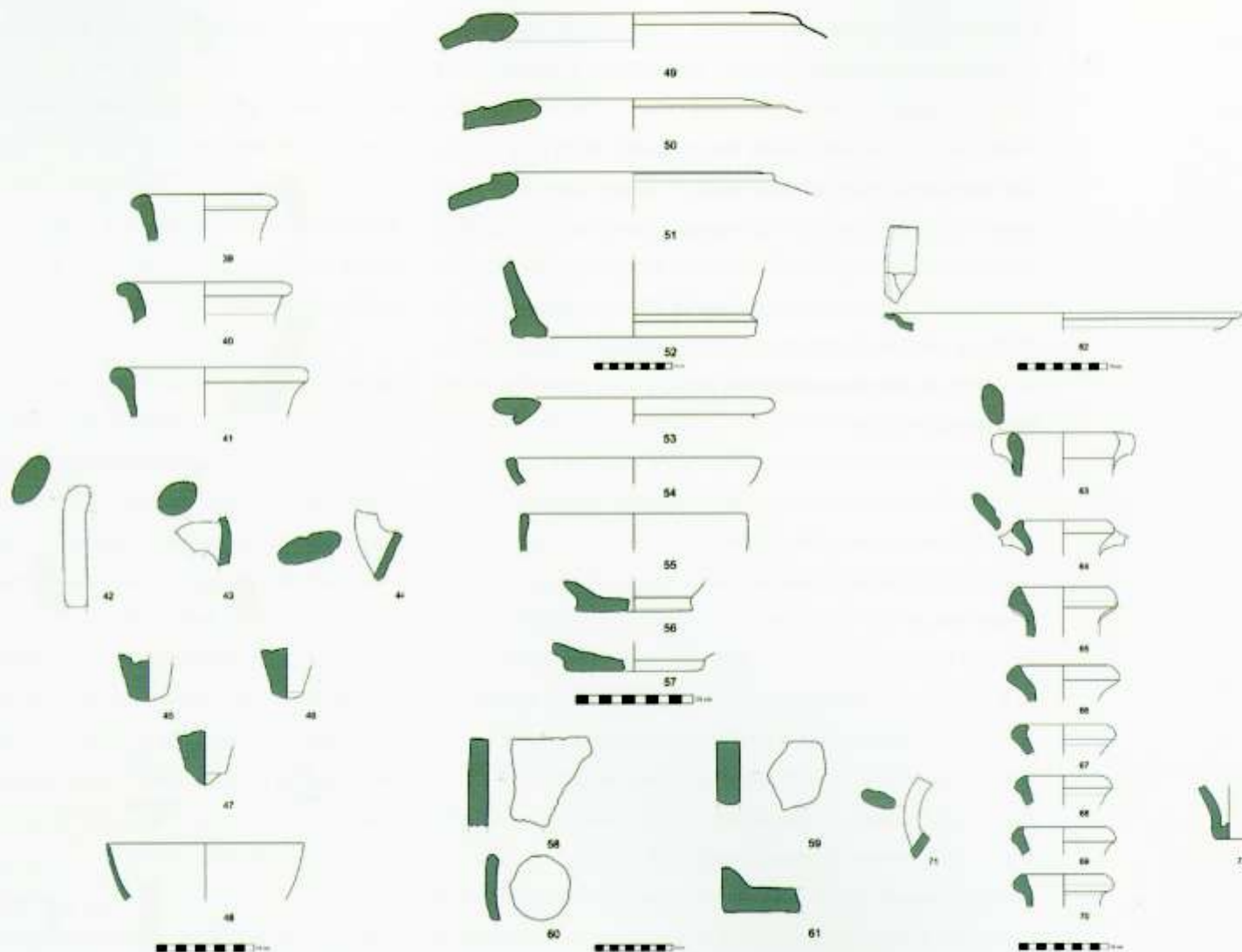
**FIGURA 6**

**FIGURA 7** Espólio de época romana:

N.º 62 prato em Terra Sigillata clara D da forma 67 de Hayes

N.º 63 ânfora afim à Almagro 50 de produção Lusitana

N.º 64 a 72 ânforas da forma Almagro 51C de produção Lusitana possivelmente do Vale do Tejo



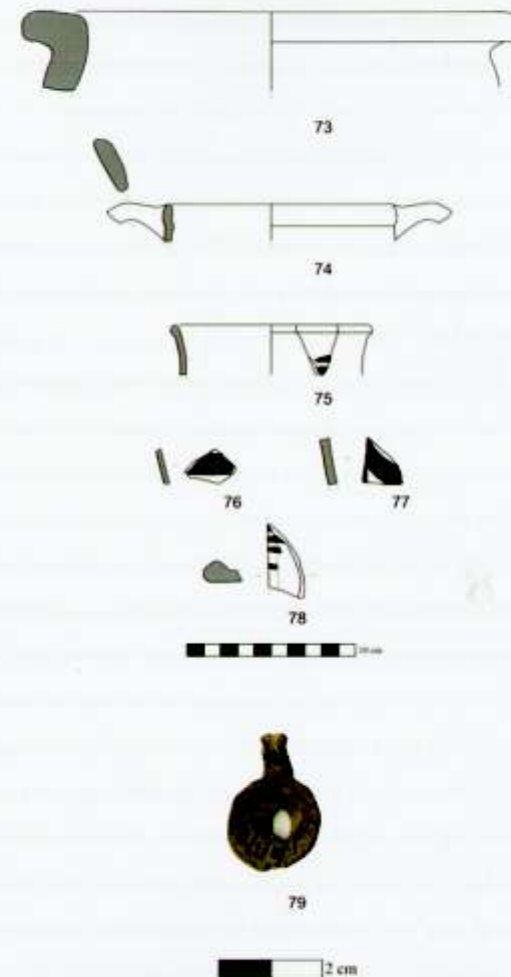
**FIGURA 7**

### 3.3. Época Medieval

Para o período medieval a informação é muito escassa, parecendo que esta área do antigo núcleo terá sido abandonada. A análise da estratigrafia não revelou nenhuma unidade ou estrutura que possamos atribuir a esta cronologia. Contudo alguns materiais essencialmente cerâmicos detectados em contextos de deposição secundária comprovam a continuação da ocupação da Vila de Alverca nesta fase. Possivelmente esta leitura pela negativa comprova a concentração do povoamento no morro em torno do antigo Castelo, área mais facilmente defensável nos períodos instáveis que se seguiram.

As cerâmicas caracterizam-se por pequenos fragmentos de contentores domésticos, relacionados com actividades do quotidiano, como a armazenagem, a confeção de alimentos e a ingestão de líquidos (Figura 8, n.º 73 a 78). Algumas destas peças conservam ainda uma decoração com pintura a branco, muito típica do mundo Islâmico. Ainda que exumados fora de contexto o estudo dos paralelos para outros sítios arqueológicos com cronologias melhor definidas, permite-nos atribuir uma datação de época Islâmica possivelmente centrada em finais do século XI meados do século XII.

Dos primeiros momentos de ocupação cristã após a conquista de Santarém, Lisboa e possivelmente do Castelo de Alverca em 1147, fala-nos alguns escassos materiais de cerâmica comum que atestam a presença humana.



**FIGURA 8** Espólio de época Medieval:

**N.º 73** bocai de talha islâmica

**N.º 74** bocai de panela islâmica

**N.º 75** fragmento de bocai de jarrinha islâmica pintada a branco

**N.º 76 a 78** fragmentos com pintura a branco

**N.º 79** selo em chumbo do século XVI

### 3.4. Época Moderna Edifício da Casa da Câmara

Apesar das expectativas em torno da escavação arqueológica, no que diz respeito à casa da Câmara quinhentista os dados foram relativamente escassos. Contudo o reanalisar da totalidade da informação registada, permite-nos avançar com algumas leituras e hipóteses.

A questão em torno do edifício prendia-se com a data da sua primeira edificação, possivelmente em 1530 no âmbito do mesmo projecto da instalação do novo pelourinho e da sua eventual total reconstrução após o terramoto de 1755.

As dificuldades inerentes a uma intervenção desta natureza e face às contingências de segurança impostas, inviabilizaram a escavação junto às paredes mestres da Casa da Câmara. A ausência desta leitura impede-nos de efectuar uma interpretação na óptica das continuidades e descontinuidades entre os dois edifícios. Apesar da referência documental às destruições provocadas pelo cataclismo setecentista, os paralelismos estabelecidos para os projectos de reconstruções noutras áreas, levam-nos a poder afirmar que a norma é a manutenção e aproveitamento das estruturas passíveis de se conservarem.

Tendo presente esta situação, podemos tentar a partir da planta conhecida do edifício setecentista vislumbrar a planimetria do seu antecedente.

Em termos práticos, no que diz respeito à escavação, esta comprovou a construção de um edifício em inícios do século XVI numa área livre de edificado. Desta construção foi detectado uma forte parede de

orientação norte-sul, destruída na reconstrução da Câmara setecentista. Corresponderá à antiga fachada da Câmara quinhentista ou apenas a outra organização espacial da sua compartimentação?

Do antigo espaço interno apenas se conservou um pavimento em calçada, com bons paralelos nos edifícios pré-pombalinos da Lisboa quinhentista, e uma curiosa estrutura subterrânea. Tratava-se de um espaço pequeno, com cerca de 4,60 m<sup>2</sup>, com tecto em abóbada perfeita, construída com tijolo de burro e argamassa e paredes de alvenaria (Brazuna, 2005). Uma primeira observação do espaço, apesar de parcialmente entulhado, revelava, desde logo, tratar-se de uma construção distinta do resto do edifício, tanto relativamente às argamassas utilizadas, como ao tipo de pedra da alvenaria. Após a limpeza dos níveis de aterros, revelou-se o único acesso ao compartimento: uma pequena porta, cujo vão se localiza ao centro da parede sul.

Entre os materiais encontrados no compartimento, cerâmicas, faianças e fragmentos de cachimbos dos séculos XVII/XVIII e alguns materiais posteriores, destaca-se uma tranca em ferro, bem como duas chaves de dimensões consideráveis, possivelmente pertencentes à porta. Estes objectos associados à própria planta desta estrutura, sugerem uma utilização menos nobre, podendo esta ter sido uma enxovia, uma espécie de prisão dentro da prisão, um espaço de isolamento<sup>99</sup>.

Não deixa de ser interessante mencionar que no edifício reconstruído em 1764, a cadeia ocupava precisamente o rés-do-chão, sendo possível pressupor uma continuidade na utilização dos espaços.

As unidades estratigráficas desta época permitiram recolher uma

<sup>99</sup> Agradecemos a sugestão desta interpretação à Dr.ª Anabela Ferreira.

série de artefactos essencialmente cerâmicos de cronologia quinhentista. Entre estes os mais representativos são algumas peças de utilização quotidiana em barro vermelho, como painelas e os respectivos testos, púcaros e cântaros. As importações estão atestadas por algumas peças de acabamento mais refinado como as malgas de importação do sul peninsular.

Destaca-se entre o espólio quinhentista uma interessante peça brasonada em chumbo (Figura 8, n.º 79). Este invulgar artefacto de pequenas dimensões apresenta numa das suas faces as cinco quinas do brasão real e as letras [...]Gal [Portugal], ainda que o seu estado de conservação não deixe totalmente clara a sua interpretação podemos estar perante um selo de documento directamente associado à utilização deste espaço como sede do poder municipal. Uma peça similar ainda que interpretada como uma eventual fibula foi recolhida em escavações na Casa da Câmara de Torres Vedras (Seixas, 2003).

## 6. Considerações Finais

O morro onde se veio a erguer o antigo castelo medieval de Alverca apresenta uma implantação estratégica sobre a antiga via de penetração paralela ao Rio Tejo, mais tarde estrada romana, e um amplo domínio visual sobre a antiga foz do rio Crós cós e o Rio da Silveira. Esta localização privilegiada associada a condições naturais de defesa em duas das suas vertentes fez com que este local fosse ocupado desde épocas remotas.

Ainda que os dados disponíveis sobre as mais antigas fases de ocupação deste espaço sejam escassos, a intervenção levada a cabo no Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, permite pela primeira vez recuar a presença humana no núcleo histórico até inícios do primeiro milénio antes de Cristo.

Qual a extensão desta ocupação da Idade do Bronze e a sua real importância, só a realização de novas intervenções com um quadro de indagações previamente definido, poderá vir a esclarecer.

A análise da sua localização e implantação topográfica, faz supor podermos estar perante um povoado “fortificado” que tiraria partido da sua implantação como área de bom ancoradouro, junto a uma via principal de comunicação terrestre e controlando o acesso ao interior do território pelo vale do Rio Crós crós e vale do Rio da Silveira.

Como é que este povoado terá interagido com os primeiros contactos com o mundo fenício, é algo para o qual não dispomos de dados, à excepção da pequena conta em pasta vítrea que eventualmente poderá ter aqui chegado por esse meio, contudo, os novos elementos aferidos pela escavação do Vale da Ribeira de Santa Sofia em Vila Franca de Xira fazem supor que esta fase terá sido crucial para a vida destas comunidades (Pimenta e Mendes, 2007b).

Aparentemente, face ao actual estado dos nossos conhecimentos, este aglomerado terá sido abandonado nos finais da Idade do Bronze, possivelmente em detrimento de outros existentes mais para o interior do território, onde recentes trabalhos realizados pelos signatários corroboram a existência de um importante povoado da Idade do Ferro.

A colina e morro do castelo de Alverca voltam a ser alvo de uma ocupação efectiva, apenas em época Romana republicana, no âmbito do processo de conquista e consolidação do poder de Roma no extremo ocidente peninsular (Pimenta, 2005).

Qual o significado desta ocupação, ainda não é claro, apesar da descoberta de diversas ânforas deste período no rio Tejo nas imediações de Alverca, nos levarem a sublinhar o seu papel enquanto ancoradouro natural (Quaresma, 2005).

Os recentes dados aferidos a partir do estudo dos resultados das escavações do Castelo de Lisboa, permitem definir de uma forma clara os primeiros momentos de contacto com o mundo Itálico. Estes ocorrerem precisamente no terceiro quartel do século II a.C. na sequência da presença do Procônsul da Ulterior Décimus Junius Brutus no extremo ocidente peninsular. Este General desencadeou uma ofensiva fulgurante ao noroeste peninsular no ano de 138 a.C. tendo estabelecido no Vale do Tejo a sua linha de apoio. O geógrafo Grego Estrabão refere-nos que terá fortificado Olisipo junto à foz, e estabelecido o seu quartel-general junto à antiga cidade de Mórón (Possivelmente Chões de Alompé - Santarém) (Pimenta, 2005).

Certamente que os portos fluviais como Alverca, não deixaram de sentir a magnitude da presença das legiões romanas e do seu impacto a nível militar e económico. Terá o núcleo de Alverca assumido um papel de "Atalaia" defensiva sobranceiro ao ancoradouro e à via natural de penetração paralela a este?

A inserção deste território na *Civitas de Olisipo* a partir do século I d.C. conduz através da reorganização do território e parcelamento

dos férteis campos das margens do rio Tejo a uma nova lógica de aproveitamento agrário.

É nesta nova lógica, que se inserem os abundantes vestígios de época romana que começamos a vislumbrar, correspondendo a diversas *Villae* agrícolas, implantadas nos principais vales atravessados por importantes linhas de água subsidiárias do Rio Tejo. Nas imediações de Alverca detectamos situações deste tipo, a carecerem de escavações adequadas, no vale de Vialonga; Ribeira da Alfarrobeira; Rio da Silveira e no actual bairro do Bom Sucesso.

É precisamente nesta localidade que foi identificado aquando da abertura dos alicerces de um edifício nos anos noventa do século passado, um monumento funerário em forma de cupa, dedicado a Alfia Amoena (Camacho, Calais e Nunes, 1996).

**[A]LFIA. L(uci). F(ilia)**

**AMOENA. H(ic).S(ita).E(st).**

Para o Alto império a informação disponível, no actual núcleo histórico de Alverca aumenta consideravelmente, permitindo começar a antever, a presença de uma importante comunidade humana para a qual de momento não conseguimos ainda definir qual a real dimensão e categoria administrativa.

O que resulta claro da análise da dinâmica de povoamento para esta época, é o facto do morro e colina do castelo de Alverca constituir um nó viário de grande importância na articulação dos acessos à cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa). A este factor acresce a evidência de o

mesmo núcleo ter tido um papel de relevância como zona portuária até épocas bem recentes (Camacho, 1994), papel esse que poderia em época romana ter sido dinamizado.

Os dois ramais viários que saíam do *Municipium Civium Romanorum* na foz do Tejo, um seguindo paralelo ao rio por Sacavém e o outro pelo vale de Loures e São Julião do Tojal, uniam-se nas imediações de Alverca. A passagem desta via encontra-se bem atestada, pela descoberta perto do castelo de um marco miliário (CIL II 4632).

Esta importante inscrição encontrava-se em meados do século XVII, no "açougue da dita vila [...]" (Gasco, 1924, p. 271), tendo então sido interpretado por António Coelho Gasco como um monumento ao Imperador Constante (337/350 d.C.). No âmbito da compilação do «*Corpus Inscriptionum Latinarum*», Emilio Hubner, interpreta-o correctamente como um marco miliário, fornecendo-nos a seguinte leitura:

**IMP CAES  
FLAVIO VALE  
RIO CONSTAN  
TIO NOBILISSI  
MO CAES  
SPFMP ANN XXIII**

Estes marcos erguiam-se nas imediações dos principais itinerários, indicando a distância em milhas (Cerca de 1.478 metros) entre dois pontos e servindo muitas vezes como verdadeira propaganda política ao Imperador que construiu ou reparou a via.

No caso do miliário de Alverca deverá tratar-se de uma reparação já em época tardia, bem atestada igualmente pelos miliários descobertos em Lisboa na escavação da Casa dos Bicos (Imperador Probo - 276/282 d.C.); Convento de Chelas (Imperador Magnêncio - 350/353) e mais recentemente em Loures, ainda em fase de estudo.

Apesar dos trabalhos arqueológicos ainda serem escassos no casco antigo de Alverca, as duas pequenas intervenções realizadas na área do Castelo concomitantemente com os dados resultantes da escavação do Museu levam-nos a supor a eventual existência de edifícios de alguma relevância, com pavimentos musivos e revestimentos marmoreados:

- A escavação levada a cabo em Outubro de 1986, na sequência da construção de um templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na área do Castelo, veio revelar os primeiros dados sobre esta ocupação (Parreira, 1987/88). Ainda que não tenha sido identificado qualquer estrato ou estrutura desta época, fora de contexto exumaram-se tesselas de mármore, calcário e basalto, assim como fragmentos de placas de mármore de lióz rosa.

- O acompanhamento da abertura de troços do projecto de renovação do sistema de saneamento e águas na área do Castelo durante o mês de Agosto de 2006 pelos dois signatários, permitiu comprovar a

existência de estruturas negativas abertas nos níveis de base geológicos. Apesar de escasso, o estudo do espólio resultante da escavação das mesmas, permite-nos sublinhar a presença de uma fase, bem datada de época romana alto Imperial (Século I/II d.C.) (Pimenta e Mendes, 2006).

Esta fase consiste na presença de valas de roubo de muros de alguma importância. A que tipo de estruturas ou qual o enquadramento urbanístico em que se inseriam, é algo que de momento não nos podemos debruçar, no entanto, a presença de uma placa de mármore de revestimento associada às já presentes na escavação de 1986 leva-nos a supor tratar-se de um edifício público.

A intervenção levada a cabo na antiga Casa da Câmara revelou de uma forma clara a contínua ocupação romana desta área. O estudo do espólio exumado nos contextos romanos e revolido nos níveis subsequentes, permite-nos sublinhar a sua longa diacronia que atravessa todo o período romano, desde meados do século II a.C. com a presença de uma ânfora Greco-Itálica e uma pátera em cerâmica Campaniense B até pelo menos ao século V d.C. com a importação de *Terra Sigillata Clara D* do norte de África e ânforas de preparados piscícolas de produção Lusitana.

A presença de contextos preservados com cerâmicas finas importadas da península Itálica, Gália e do Norte de África, assim como ânforas vinícolas e de preparados de peixe do sul peninsular, permitem verificar o dinamismo comercial deste povoado.

Ainda que não se tenham identificado estruturas preservadas à excepção de um pavimento de terra batida na área do pátio, a presença

de materiais de construção [*Tegulae*, *Imbrices* e tijoleiras] assim como diversas placas de mármore de revestimento e de tesselas em tudo similares aos recolhidos no Castelo deixam antever a presença de estruturas de cariz habitacional que se deveriam desenvolver pela encosta e na área aplanada junto à foz do rio Cros Cós com uma hipotética área de ocupação de cariz portuário.

Um dado interessante para futuras pesquisas é precisamente o forte assoreamento de toda esta área o que faz com que os contextos desta época estejam a bastante profundidade. Esta evidência igualmente detectada no subsolo de Vila Franca de Xira leva-nos a ter cautela na análise do traçado da própria via romana (Pimenta e Mendes 2006a). A qual não deverá segundo a nossa análise passar na antiga Rua direita, actual Rua Dr. Miguel Bombarda e Almirante Cândido dos Reis mas sim mais a sul a uma cota inferior, entre esta e a estrada Nacional 10.

Para o período Islâmico os dados históricos e arqueológicos eram escassos, apenas se apontando uma ocupação baseada na análise do seu topónimo, que segundo alguns autores teria origem na palavra Árabe *albirca* ou *alborca*, terra alagadiça, pantanosa e também tanque de água ou represa. A recente descoberta de cerâmicas islâmicas e de uma possível estrutura de armazenamento na área do Castelo, levanta a hipótese de uma cronologia desta época para a construção do reduto defensivo de que ainda hoje subsistem evidências estruturais no topo do morro do Castelo.

Ainda que objectivamente não existam documentos a comprová-lo directamente, esta fortificação tal como todas as da linha defensiva

do vale do Tejo e respectiva estrada, terão sido conquistadas em 1147 no âmbito do avanço dos exércitos de El Rei D. Afonso I de Portugal e da tomada de Santarém e Lisboa.

Do foral antigo de 1160 assim como do novo de El Rei D. Manuel I não ficaram quaisquer vestígios físicos, apenas se sabendo deles por referência indirecta, não isenta de polémica. Os documentos mais antigos datam de 1354 sendo referentes à doação de Alverca às Capelas de D. Afonso IV, passando assim aos bens da Casa Real. Tendo este vínculo sido apenas extinto em 1863 (Ferreira, 2005).



**17. Ferradura.**

Ferro.

Alverca. [Encontrada na Casa do Ferrador  
- Praça João Mantas].

[S.a.]. [S.d.].

MMVFX.

**18. Aspecto de trabalho de Ferrador.**

Castanheira.

[S.a.]. [S.d.].

Reprodução fotográfica.

MMVFX Inv.S.484.

**19. Aspecto de trabalho de Ferrador.**

Castanheira.

[S.a.]. [S.d.].

Reprodução fotográfica.

MMVFX Inv.S.415.

**20. Maqueta do Núcleo de Alverca do Museu Municipal.**

Madeira.

Margarida Barreiros Ferreira (Ariosto, Lda.).

2007.

**21. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,9 cm x 4,2 cm.

Inv. NAMM04 cc2750.

**22. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,3 cm x 3,4 cm.

Inv. NAMM04 cc2742.

**23. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,2 cm x 3,4 cm.

Inv. NAMM04 cc2737.

**24. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,3 cm x 3,4 cm.

Inv. NAMM04 cc874.

**25. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2 cm x 2,5 cm.

Inv. NAMM04 cc277.

**26. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 1,7 cm x 2,8 cm.

Inv. NAMM04 cc765.

**27. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 1,6 cm x 2,5 cm.

Inv. NAMM04 cc823.

**28. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2,7 cm x 3,5 cm.

Inv. NAMM04 cc1855.

**29. Fragmento de pote.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,5 cm x 3,4 cm.

Inv. NAMM04 cc204.



20 a 29

**30. Fragmento de taça de acabamento  
cuidado.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3 cm x 2,6 cm.

Inv. NAMM04 cc2759.

**31. Fragmento de pote de acabamento  
cuidado.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,2 cm x 3,5 cm.

Inv. NAMM04 cc841.

**32. Fragmento de taça.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2,4 cm x 2,1 cm.

Inv. NAMM04 cc1912.

**33. Fragmento de fundo de taça.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,2 cm x 5,1 cm.

Inv. NAMM04 cc216.

**34. Fragmento de fundo de pote de armazenamento.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,4 cm x 6 cm.

Inv. NAMM04 cc829.



30 a 34

**35. Fragmento de pote de bordo reentrante.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2,9 cm x 3,4 cm.

Inv. NAMM04 cc212.



35

**36. Fragmento de taça carenada.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,8 cm x 5,5 cm.

Inv. NAMM04 cc4219.



36

**37. Fragmento de pote com asa lateral.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2,5 cm x 4,2 cm.

Inv. NAMM04 cc779.



37

**38. Fragmento de pote com asa lateral.**

Cerâmica manual.

Idade do Bronze Final.

Recolha de superfície Largo do Pelourinho,  
Alverca.

Dim.: 2,8 cm x 5,3 cm.

Inv. NAMM 01.

**39. Núcleo em Sílex.**

Sílex.

Pré-história recente.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7,7 cm x 4,8 cm.

Inv. NAMM04 L58.

**40. Núcleo em Sílex.**

Sílex.

Pré-história recente.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7,5 cm x 6,4 cm.

Inv. NAMM04 L45.



39 e 40

**41. Lasca em quartzito.**

Quartzito.

Pré-história recente.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,4 cm x 4,4 cm.

Inv. NAMM04 L2.

**42. Raspadeira em Sílex.**

Sílex.

Pré-história recente.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,2 cm x 1,9 cm.

Inv. NAMM04 L3.



42

**49. Fragmento de fundo de Terra Sigillata Itálica com marca.**

Cerâmica a torno de mesa.

Século I d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2,6 cm x 2,5 cm.

Inv. NAMM04 S38.



49

**50. Fragmento de fundo de Prato (Dr. 15/17) de Terra Sigillata Gálica.**

Cerâmica a torno de mesa.

Século I/II d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,8 cm x 2 cm.

Inv. NAMM04 S35 e 36.

**51. Fragmento de Taça (Dr. 37) em Terra Sigillata Gálica com decoração.**

Cerâmica a torno de mesa.

Século I/II d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,3 cm x 2,5 cm

Inv. NAMM04 S47.



51

**52. Fragmento de bordo de taça (17b de Hayes) de Terra Sigillata Africana Clara C.**

Cerâmica a torno de mesa.

Século II/III d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 6,1 cm x 5,5 cm.

Inv. NAMM04 S32.



52

**53. Fragmento de bordo de prato (67 de Hayes) de Terra Sigillata Africana Clara D.**

Cerâmica a torno de mesa.

Século IV/V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 8,8 cm x 3,6 cm.

Inv. NAMM04 S36 cc8729.



53

**54. Fragmento de asa de ânfora Bética.**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I/II d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 6,3 cm x 5,1 cm.

Inv. NAMM04 cc12764.

**55. Fragmento de asa de ânfora Bética.**

**(Haltern 70)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 9 cm x 5,5 cm.

Inv. NAMM04 cc6583.

**56. Fragmento de asa de ânfora Bética.**

**(Haltern 70)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7,4 cm x 4,7 cm.

Inv. NAMM04 cc8728.

**57. Fragmento de asa de ânfora Bética.**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I/II d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 12,7 cm x 5,8 cm.

Inv. NAMM04 cc8724.



54 a 57

**58. Fragmento de bordo de ânfora Bética.**

**(Dressel 7/11)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,8 cm x 4,6 cm.

Inv. NAMM04 cc8744.

**59. Fragmento de bordo de ânfora Bética.**

**(Almagro 50/Keay XVI)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III/IV d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 8,2 cm x 5,1 cm.

Inv. NAMM04 cc8743.



58 e 59

**60. Fragmento de ânfora Bética.**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I/II d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 40 cm x 20 cm diâmetro.

Inv. NAMM04 cc11567 a 11569; 6000; 12799 e 12798; 11532 a 11539.

**61. Bordo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Dressel 14)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I-III d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,4 cm x 5 cm.

Inv. NAMM04 cc8949.

**62. Asa de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Dressel 14)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I-III d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 8,1 cm x 7,2 cm.

Inv. NAMM04 cc5407.

**63. Fundo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Dressel 14)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I-III d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,3 cm x 4,7 cm.

Inv. NAMM04 cc8792.

**64. Fundo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Dressel 14)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I-III d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,7 cm x 5,1 cm.

Inv. NAMM04 cc46.

**65. Fundo de ânfora Lusitana de preparados de peixe com grafito. (Dressel 14)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século I-III d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,4 cm x 5,6 cm.

Inv. NAMM04 cc8725.



61 a 65



**66. Bordo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Almagro 51C)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III-V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4 cm x 9,7 cm.

Inv. NAMM04 cc6610.



66 e 67

**67. Bordo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Almagro 51C)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III-V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 5,8 cm x 5,7 cm.

Inv. NAMM04 cc12888.

**68. Bordo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Almagro 51C)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III-V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,8 cm x 4,7 cm.

Inv. NAMM04 cc9802.

**69. Bordo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Almagro 51C)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III-V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,2 cm x 5,4 cm.

Inv. NAMM04 cc8181.

**70. Fundo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Almagro 51C)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III-V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 6 cm x 5,9 cm.

Inv. NAMM04 cc8582.

**71. Bordo de ânfora Lusitana de preparados de peixe. (Almagro 50)**

Cerâmica a torno de transporte a longa distância de produtos alimentares.

Época Romana.

Século III-V d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,2 cm x 5 cm.

Inv. NAMM04 cc8567.



72

**72. Bordo de Dolium.**

Cerâmica a torno de armazenamento.

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 16 cm x 9 cm.

Inv. NAMM04 cc8762.



73

**73. Bordo de Dolium.**

Cerâmica a torno de armazenamento.

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 9,7 cm x 12 cm.

Inv. NAMM04 cc12815.

**74. Fundo de Dolium.**

Cerâmica a torno de armazenamento.

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 9,4 cm x 6 cm.

Inv. NAMM04 cc12758.

**75. Bordo de pote.**

Cerâmica a torno de armazenamento.

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 9,6 cm x 4 cm.

Inv. NAMM04 cc7894.

**76. Bordo de panela.**

Cerâmica a torno de cozinha.

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,4 cm x 3,9 cm.

Inv. NAMM04 cc9527.

**77. Bordo de bilha.**

Cerâmica a torno de armazenamento de líquidos.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 4 cm x 6,2 cm.  
Inv. NAMM04 cc8001.

**78. Malha de Jogo.**

Cerâmica a torno.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 7,8 cm x 7,5 cm.  
Inv. NAMM04 cc8737.



78

**79. Tégula.**

Cerâmica a torno de cobertura.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 16 cm x 5,9 cm.  
Inv. NAMM04 cc8938.

**80. Fragmento de placa de mármore com inscrição numeral [...] XIII.**

Mármore de lióz rosa.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 7,3 cm x 5,2 cm.  
Inv. NAMM04 MP6.



80

**81. Fragmento de placa de mármore.**

Mármore de lióz branco.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 7,8 cm x 8,3 cm.  
Inv. NAMM04 MP4.

**82. Fragmento de placa de mármore.**

Mármore de lióz rosa.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 12,4 cm x 8,4 cm.  
Inv. NAMM04 MP9.

**83. Fragmento de placa de mármore.**

Mármore de lióz rosa.  
Época Romana.  
Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.  
Dim.: 13 cm x 10,5 cm.  
Inv. NAMM04 MP10.

**84. Fragmento de placa de mármore.**

Mármore de lióz rosa,

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7,7 cm x 7 cm.

Inv. NAMM04 MP2.

**85. Tesselas de mosaico.**

Mármore e basalto.

Época Romana.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Inv. NAMM04 T1 a T10 e T15.



85

**86. Bordo de panela com pintura a branco.**

Cerâmica a torno de cozinha.

Época islâmica.

Século XI/XII d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4,2cm x 4,4 cm.

Inv. NAMM04 cc576.

**87. Bordo de jarrinha com pintura a branco.**

Cerâmica a torno de cozinha.

Época islâmica.

Século XI/XII d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,1 cm x 2,5 cm.

Inv. NAMM04 cc573.

**88. Fragmento de asa de bilha com pintura a branco.**

Cerâmica de transporte e armazenamento de líquidos.

Época islâmica.

Século XI/XII d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3 cm x 2,2 cm.

Inv. NAMM04 cc471.

**89. Fragmento de bojo com pintura a branco.**

Cerâmica de cozinha.

Época islâmica.

Século XI/XII d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3,4 cm x 2,2 cm.

Inv. NAMM04 cc11603.

**90. Fragmento de bojo com pintura a branco.**

Cerâmica de cozinha.

Época islâmica.

Século XI/XII d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 3 cm x 2 cm.

Inv. NAMM04 cc11659.

**91. Bordo de Talha.**

Cerâmica de armazenamento.

Época islâmica.

Século XI/XII d.C..

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 8cm x 5 cm.

Inv. NAMM04 cc6953.



86 a 91

**92. Panela.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVI.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 18 cm x 13 cm.

Inv. NAMM04 cc7032 a 7050.



92

**93. Malga.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVI.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 8 cm x 14 cm.

Inv. NAMM04 cc7277.



94

**94. Pote.**

Cerâmica de armazenamento.

Época Moderna.

Século XV/XVI.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 16 cm x 10 cm.

Inv. NAMM04 cc3531-3540 e 3537.

**95. Fogareiro.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 15 cm x 11 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 14 e N.º 15.



95

**96. Pote.**

Cerâmica de armazenamento.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 13 cm x 12,5 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 68.



96

**97. Pote.**

Cerâmica de armazenamento.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 13 cm x 14 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 18.



98

**98. Frigideira.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 6 cm x 16 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 70.

**99. Frigideira.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7 cm x 18 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 75.

**100. Frigideira.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 9 cm x 19 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 69.



100

**101. Bordo de panela.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7,5 cm x 12 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 20.

**102. Testo.**

Cerâmica de cozinha.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 4 cm x 15 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 12.



102

**103. Pote vidrado.**

Cerâmica de armazenamento.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 12 cm x 14 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 30.



103

**104. Pote vidrado.**

Cerâmica de armazenamento.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 14 cm x 17 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 1.



104

**105. Pote vidrado.**

Cerâmica de armazenamento.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 17 cm x 12 cm.

Inv. NAMM04 UE2 N.º 43.

**106. Taça em faiança azul e branco com inscrição.**

Cerâmica de mesa.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 9 cm x 16 cm.

Inv. NAMM04 UE2.



106

**107. Fragmento de taça em faiança azul e branco.**

Cerâmica de mesa.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7,5 cm x 8 cm.

Inv. NAMM04 UE2.

**108. Prato em faiança azul e branco.**

Cerâmica de mesa.

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 6 cm x 7 cm.

Inv. NAMM04 UE2.

**109. Prato em faiança azul e branco.**

Cerâmica de mesa.

Época Moderna.

Século XVII/XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 7 cm x 4 cm.

Inv. NAMM04 UE2.



**110. Taça em faiança azul e branco.**

Cerâmica de mesa.

Época Moderna.

Século XVII/XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 12,5 cm x 5 cm.

Inv. NAMM04 UE2.



110

**111. Fragmentos de hastes de cachimbos em caulino.**

Época Moderna.

Século XVIII.

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 12,5 cm x 5 cm.

Inv. NAMM04 UE2.



111

**112. Pendente em chumbo. Possível Selo de documento.**

Época Moderna.

Século XVI (?).

Museu Municipal/Casa da Câmara, Alverca.

Dim.: 2,1 cm x 1,7 cm.

Inv. NAMM04 UE 3.



112